

REVISITANDO HELEIETH SAFFIOTI:

aportes para pensar a atualidade de seus conceitos

REVISITING HELEIETH SAFFIOTI:

contributions to think about the relevance of her concepts

Daniele Motta (Unesp)

Elaine Bezerra (UFCG)

Introdução

É com grande satisfação que entregamos ao público leitor mais um dossiê sobre o pensamento de Heleieth Saffioti, socióloga de peso para entendermos não apenas as relações de gênero, mas as desigualdades sociais como um todo. Seu pensamento foi base para a formulação dos textos presentes neste dossiê que acompanham, ainda, uma entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva, em que rememora sua relação com Heleieth, e uma tradução inédita da introdução de Eleanor Leacock na ocasião da publicação da edição em língua inglesa de a “Mulher na sociedade de classes”, no ano de 1978, pela *Monthly Review*.

O dossiê se ancora no resgate da formulação de Heleieth sobre as relações de gênero a partir da leitura do patriarcado e seu vínculo com as violências sofridas pelas mulheres. A ideia do patriarcado nunca foi abandonada pela autora, mesmo quando muitas(os) intelectuais, ao absorver o conceito de gênero, abriram mão do patriarcado, acusando-o de a-histórico e universal.

Heleieth Saffioti, a partir de sua forte formação marxista, nunca deixou de historicizar toda a teoria que formulava, os conceitos que trabalhava e não deixaria de fazê-lo com o patriarcado. Neste sentido, em vez de abandoná-lo, ela o situou em suas especificidades. É por isso que ela o entende como um fenômeno social em constante transformação, uma ordem social de dominação anterior ao capitalismo que se moldou para coexistir e potencializar o processo de dominação/exploração.

O não abandono do patriarcado foi fundamental para as suas pesquisas e ganhou força nos estudos sobre a violência de gênero. Para a autora, não é possível entender a endêmica violência que assola as mulheres sem a devida compreensão da estrutura patriarcal.

Sobre o Patriarcado e violência

A ideia de patriarcado é antiga. Segundo Delphy (2009), existem três sentidos para essa ideia: 1) o religioso, para quem “os patriarcas são os primeiros chefes de família que viveram antes e depois do Dilúvio” (p. 174); 2) o de modo de produção, em que pequenas comunidades agrícolas compostas de unidades de produção familiar são regidas pelo chefe de família, autoridade que é passada hereditariamente, de pai para filhos. O terceiro e último sentido é o feminista, para quem o patriarcado é um regime de dominação-exploração das mulheres pelos homens, uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, o poder é dos homens; ressaltando a opressão sofrida pelas mulheres.

No Brasil, muitas interpretações acerca da sociedade colonial e escravista se basearam na ideia da funcionalidade da família patriarcal para a ordem social escravocrata, tal qual a segunda concepção, todavia, mais especificamente apoiada na tradição weberiana, a dominação patriarcal é um tipo de dominação tradicional, com um sistema de normas baseado na tradição, na autoridade de um senhor, do chefe de família. Foi ancorada nessa ideia de dominação que diversos autores escreveram sobre a família patriarcal como o sustentáculo do Brasil colonial, baseada na ideia do senhor de terras como o patriarca, que centralizava o poder e a autoridade. O poder patriarcal é caracterizado por Max Weber (1991) como um sistema de normas baseado na tradição.

Heleieth Saffioti, em seu primeiro livro “A mulher na sociedade de classes” (1969), faz uma leitura que dialoga com a tradição do pensamento brasileiro, mas ressalta a posição que as mulheres ocupam na sociedade, já apresentando uma inovação no olhar para a questão. Segundo Motta (2020, p. 8), a leitura que Saffioti faz sobre “a relação de exploração/dominação como duas faces do mesmo processo, já a afasta da leitura de Weber, para quem as esferas (sociais, econômicas, políticas e culturais) devem ser analisadas de forma separada”.

A ideia de patriarcado mais bem elaborada por Saffioti tem um pressuposto feminista e entendemos que sua contribuição deve ser situada entre o diálogo da concepção feminista do patriarcado, a partir da leitura sobre a dominação das mulheres pelos homens, e as interpretações do pensamento social brasileiro, pois ela está preocupada em desvendar as desigualdades de gênero no Brasil. Mesmo em diálogo constante sobre a realidade brasileira, a autora está no campo dos estudos de gênero e é a partir da concepção feminista que defende o uso concomitante de gênero e patriarcado. Por isso, é preciso diferenciar o patriarcalismo (baseado na ideia de dominação weberiana) de patriarcado na acepção feminista, para que possamos prosseguir com o entendimento de tal concepção na obra da autora.

Dois importantes influências feministas para a leitura de patriarcado da Heleieth Saffioti são: Gerda Lerner e Carole Pateman. De Gerda Lerner (2019), a autora traz algumas concepções históricas sobre o embrião do patriarcado, tentando responder quando e como começou a dominação das mulheres pelos homens. De Carole Pateman (1993), Saffioti traz a concepção do patriarcado como um sistema político moderno, mostrando-o como uma relação não só

privada (no âmbito da família), mas também civil. Para Pateman (1993, p. 40), “abandonar o conceito significaria a perda de uma história política que ainda está para ser mapeada”.

Segundo Heleieth Saffioti (2015), o conceito de gênero não explicita, necessariamente, uma desigualdade entre homens e mulheres; da mesma forma, o patriarcado não pressupõe uma relação de exploração. Por isso, é importante para a autora trabalhar gênero e patriarcado conjuntamente, pois são duas dimensões que constituem faces de um mesmo processo de dominação-exploração. Salienta que a dimensão econômica do patriarcado não está apenas na desigualdade salarial, ocupacional e na marginalização dos importantes papéis econômicos e políticos, mas inclui o controle da sexualidade e a capacidade reprodutiva das mulheres. O olhar para tais questões foi fundamental para o desenrolar da teoria feminista de viés marxista, pois “não há de um lado dominação patriarcal e, de outro, a exploração capitalista, não existe um processo de dominação separado de outro de exploração” (SAFFIOTI, 2015, p. 138).

Assim, para Saffioti, a violência é o elemento de manutenção da ordem patriarcal, pois é um dos mecanismos acionados pelo patriarcado para a manutenção dos privilégios masculinos e das desigualdades. As formas como as desigualdades de gênero se expressam no dia a dia são diversas: no trabalho, na política, na família, nos meios de comunicação, nos espaços de lazer etc. A expressão mais gritante da desigualdade de gênero é a agressão sofrida, que pode chegar ao extremo, como o feminicídio. Na atualidade, algumas intelectuais feministas têm sugerido a existência de uma “nova caça às bruxas”, levando a uma nova escalada da violência contra as mulheres. Essa ofensiva tem como base a articulação existente entre os homens, a família patriarcal, o Estado e os agentes do capital (BEZERRA, 2019). É com o olhar sobre como o patriarcado atinge as mulheres que Saffioti relaciona patriarcado e violência a partir das suas interfaces: simbólica, moral, física e sexual. Ao advogar pela manutenção do uso do termo patriarcado para interpretar essa relação, Heleieth oferece a seguinte síntese: é uma relação civil; dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres, praticamente sem restrição; apresenta relações hierárquicas, que invadem todos os espaços da sociedade; tem base material, ancorada na divisão sexual do trabalho; é uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia como na violência (SAFFIOTI, 2015).

Assim, os textos que compõem este dossiê retomam essas contribuições de Heleieth Saffioti sobre a relação entre patriarcado e violência e as enriquecem com reflexões contemporâneas, os quais apresentaremos a seguir.

O primeiro texto que compõe o dossiê é uma tradução inédita da introdução feita pela antropóloga marxista Eleanor Leacock à publicação de “A mulher na sociedade de classes” em inglês pela *Monthly Review Press*, no ano de 1978. Eleonor chama a atenção para a importância da contribuição de Heleieth Saffioti no “esforço de definir as relações entre a questão da mulher e a luta de classes” e nos apresenta um potente diálogo a partir das formulações feitas por Saffioti. Ela organiza a obra em seis pontos centrais que aborda desde a tese central do livro, que é a marginalização da mulher na sociedade capitalista e a função da família na organização do

capitalismo, passando pelo debate sobre as relações de sexo, raça e classe, ciência e ideologia, a organização das mulheres nos países centrais e no terceiro mundo e a luta pelo socialismo.

No texto seguinte: “A categoria ordem patriarcal de gênero no pensamento de Heleieth Saffioti: aproximações introdutórias”, Leonardo Nogueira destaca o pioneirismo de Heleieth Saffioti que teve que construir “veredas” teórico-metodológicas para interpretar a situação da mulher em um momento em que ainda não havia um campo de estudos consolidado. Também apresenta duas questões que considera como sendo um movimento articulado empreendido por Saffioti. A primeira é a utilização do materialismo histórico-dialético como método e sua coerência explicativa. A segunda é que esse recorte metodológico proporcionou a Heleieth chegar a uma interpretação que considera o patriarcado como uma estrutura de dominação e exploração das relações de gênero, raça/etnia e classe social em uma determinada época e território. Para o autor, a partir desse escopo, Saffioti considera impossível deduzir autonomia entre gênero e patriarcado na sociedade contemporânea e nega o caráter a-histórico do patriarcado, pois esse vive e organiza, também, o presente.

O texto da Mariana Pereira “Gênero e violência na experiência das trabalhadoras da indústria do vestuário” traz os resultados de uma pesquisa sobre os processos de violência vivenciados pelas trabalhadoras do setor de vestuário brasileiro. As contribuições das categorias gênero, patriarcado e violência, conforme elaborada por Saffioti, conduzem a análise que se centra especificamente na violência sofrida no ambiente de trabalho. As próprias características do trabalho que ainda é bastante taylorizado, com controles rígidos do tempo e da produção, é apresentado pela autora como mecanismos que impõem um exercício laboral perpassado pela violência. Os achados da pesquisa apontam que a principal violência relatada pelas trabalhadoras é o assédio moral, mas também aparece assédio sexual como uma prática ainda recorrente. Embora a violência seja um fenômeno feminino na indústria do vestuário, conforme aponta Mariana, isso não inviabiliza as práticas de resistência e a possibilidade da agência das mulheres. Esse é um apontamento importante, uma vez que dialoga com uma das principais críticas direcionadas ao conceito de patriarcado, bem como ao abandono de sua utilização.

O texto “Um diálogo com os estudos sobre violência de gênero de Heleieth Saffioti”, de autoria de Mônica Vilaça traz para o dossiê uma importante contribuição para refletirmos sobre os estudos que Heleieth faz sobre a violência de gênero, a partir da década de 1980, mostrando as influências, os diálogos estabelecidos e a reflexão metodológica para visibilizar as relações de dominação-exploração sofridas pelas mulheres.

Um dos pontos destacados pela autora é a relação entre a reflexão teórica e a ação prática, pensando como a crítica que Heleieth exerce sobre a falta de estudos e de estatísticas acerca da violência de gênero passa pela necessidade de construção de políticas públicas para combater tal situação. A construção do artigo relaciona a teoria do nó desenvolvida por Saffioti como base importante para a análise da violência contra as mulheres. Dessa forma, Monica Vilaça mostra como as relações de gênero-raça-classe são fundamentais para entendermos como elas

estabelecem “condições para a produção de uma subjetividade capaz de reproduzir e suportar as práticas violentas”. Mônica ainda destaca a importância do método da autora ao estudar as mulheres em situação de violência, através de relatos e experiências de vida, que rompem com o silenciamento da situação. O texto reitera a importância de Saffioti para a pesquisa e a atuação junto ao Estado no combate à violência de gênero, mostrando toda a força de sua contribuição nessa tema de pesquisa e destacando sua análise genuína e comprometida.

O dossiê encerra com a entrevista Memórias de afeto, política e formação: o encontro entre Maria Aparecida de Moraes Silva e Heleieth Saffioti feita por nós (Daniele Motta e Elaine Bezerra) com Maria Aparecida de Moraes. A entrevista mostra a aproximação da entrevistada com Heleieth Saffioti; com sua dimensão professora (e inspiradora), colega, profissional e pesquisadora, permeadas por sua forte personalidade, que, segundo a entrevistada, “não se curvava a ninguém”.

O ponto de encontro de Heleieth com Maria Aparecida de Moraes foi a sala de aula. Enquanto estudante, trouxe suas memórias de uma professora dedicada e comprometida, que apesar de o contexto ditatorial em que lecionava não deixava de instigar seus alunos e alunas com os dilemas que vivenciavam. Entre as memórias de Maria Aparecida, as lembranças de uma graduação em Ciências Sociais em meio à ditadura militar instigam a leitura da sua entrevista.

O ponto alto desse diálogo com Maria Moraes é quando articula as reflexões de suas pesquisas na área da Sociologia Rural com as questões de gênero, a reflexão sobre o patriarcado e a ideia do nó de Heleieth Saffioti. Os detalhes da pesquisa de Maria Aparecida, mostrando o cotidiano de trabalho das mulheres no campo, estão relacionados com a teoria desenvolvida por Heleieth de maneira que nos auxilia a entender ainda mais suas formulações. Maria Aparecida Moraes nos dá uma verdadeira aula nessa entrevista! Por fim, a entrevistada avalia os desafios dos tempos atuais e ainda nos presenteia com um pouco mais do seu contato pessoal com Heleieth, enfatizando as relações que ela estabelecia com seu marido e sua mãe.

Os textos presentes no dossiê ajudam a recuperar a importância da formulação de Heleieth Saffioti para a análise dos dilemas sociais ainda hoje presentes.

As recentes contribuições da teoria feminista marxista destacam o patriarcado como uma noção importante para a análise, para a reflexão sobre as desigualdades de gênero no capitalismo e a importância de investigar o trabalho desempenhado pelas mulheres. Dessa forma, entendemos que, no Brasil, Heleieth Saffioti teve um importante papel, não só de pesquisa e difusão das desigualdades estruturais sofridas pelas mulheres, mas também de não deixar a noção de patriarcado cair no esquecimento, colocando-a na disputa da teoria social feminista.

Bruna Della Torre (2021, n.p) aponta que

o patriarcado foi historicamente a forma social que garantiu a exploração do trabalho reprodutivo: é preciso manter as mulheres em casa, controlar suas capacidades reprodutivas e sua sexualidade ingovernável, produzir subjetividades que desejem esse arranjo e, principalmente, tornar invisível esse tipo de trabalho.

Essas leituras contemporâneas, que se reivindicam feministas e marxistas, trazem à tona novamente a importância do patriarcado, situando-o não como um sistema autônomo, mas enovelado ao capitalismo (para usar uma expressão de Heleieth). Tais escritos, ainda que apresentem distinções da autora aqui estudada, dão força para as formulações de Saffioti, para quem gênero e patriarcado deveriam ser utilizados conjuntamente e no interior do processo social capitalista, dialogando, por sua vez, com as desigualdades de classe e raça. É por isso que defendemos que, enquanto houver capitalismo, é necessário analisar o patriarcado, e, portanto, retomar os ensinamentos deixados pela saudosa Heleieth Saffioti.

Referências

- BEZERRA, Elaine. A nova escalada da “caça às bruxas” e a reprodução do capital em jogo. **Teoria e Debate**, São Paulo, ed. 191, 17 dez. 2019. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/estante/a-nova-escalada-da-caca-as-bruxas-e-a-reproducao-do-capital-em-jogo/>. Acesso em: 07 out. 2021.
- DELLA TORRE, Bruna. O patriarcado é um tigre de papel: fascismo, gênero e luta de classes. **Blog da Boitempo**, São Paulo, 31 maio 2021. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2021/05/31/o-patriarcado-e-um-tigre-de-papel-fascismo-genero-e-luta-de-classes/> Acesso em: 09 set. 2021.
- DELPHY, Cristine. Patriarcado. In: HIRATA, Helena *et al.* (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 173-178.
- LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.
- MOTTA, Daniele. A Contribuição de Heleieth Saffioti para a análise do Brasil: gênero importa para a formação social? **Caderno CRH**, Salvador, v. 33, p. 1-14, 2020.
- PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual**. Editora Paz e Terra: São Paulo, 1993.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Women in Class Society**. New York, London: Monthly Review Press, 1978.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Expressão popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.
- SAFFIOTI, Heleieth. **A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2013.
- WEBER, Max. Os três tipos puros de dominação legítima. In: COHN, Gabriel (org.). **Max Weber: sociologia**. São Paulo: Ática, 1991. p.128-141.